

KRAMP



Kramp

MARIA JOSÉ FERRADA

*Tradução de
Silvia Massimini Felix*



Para D.

5 Kramp



“Você ainda me deve cem dólares.”
Addie para o seu pai, em Lua de papel



I

D começou sua carreira vendendo artigos para serralheria: pregos, serrotes, martelos, maçanetas e olhos mágicos para portas, da marca Kramp.

Quando saiu pela primeira vez com sua maleta da pensão em que vivia, não se atreveu a entrar na principal loja de ferragens da cidade, que na época era bem pequena, até ter passado diante dela trinta e oito vezes.

Essa primeira tentativa de venda coincidiu com o dia em que o homem pisou na Lua. Os vizinhos se reuniram para ver a alunissagem num projetor que o prefeito instalou na sacada do seu gabinete e que reproduziu a imagem num lençol branco. Como não havia áudio, de fundo tocava a banda dos bombeiros.

No momento em que D viu Neil Armstrong dar o primeiro passo na Lua, pensou que, com determinação e o traje adequado, tudo era possível.

Assim, no dia seguinte, quando completou o passo número trinta e nove, entrou na loja de ferragens, com os sapatos mais lustrosos que jamais se vira na história da cidade, para oferecer ao gerente os produtos Kramp. Pregos, serrotes, martelos, maçanetas e olhos mágicos para portas. Não vendeu nada, mas lhe disseram que voltasse na semana seguinte.

D foi tomar um café e anotou num guardanapo: toda vida tem sua alunissagem.

Quando, mais tarde, D contou ao seu pai que o homem tinha chegado à Lua, este lhe disse que isso era uma farsa tremenda, que Deus havia criado o homem com os pés na terra e sem asas, e que tudo o mais eram mentiras do presidente dos Estados Unidos.

De qualquer modo, na semana seguinte, D deu um passo em nome da sua própria humanidade: vendeu meia dúzia de

serrotes e doze olhos mágicos. Ao sair da loja de ferragens com seu pedido dentro da maleta, sentiu que toda felicidade, grande ou pequena, merecia ser projetada na praça de uma cidade.

II

Durante as semanas seguintes, D levou até o Registro de Viajantes três fotografias e quatro escudos. Quinze dias depois, seu carnê estava pronto, nº 13709.

Com o carnê no bolso e as economias provenientes da comissão de vendas de 2356 serrotes, 10567 pregos, 3456 martelos e 1534 olhos mágicos, comprou um carrinho R4 da Renault. De posse dele, começou a percorrer os vilarejos vizinhos seguindo os conselhos de um velho vendedor. Na verdade, D recebeu um conselho e uma afirmação.

O conselho:

– Ao chegar a um vilarejo, a primeira coisa que você tem de fazer é procurar a cafeteria central e o hotel onde se hospedam os outros caixeiros-viajantes. Quase sempre ficam no mesmo quarteirão da praça e do bar.

(Ali D se encontraria com aqueles que, dali em diante, seriam uma espécie de família flutuante. Uma família sem parentesco e, por isso mesmo, mais suportável que qualquer outra.

O vendedor de plásticos chineses.

O vendedor de lapiseiras Parker.

O vendedor de colônia inglesa.

E todos os demais.)

A afirmação:

– Todos os vilarejos são iguais: uns malditos povoados de merda.

É sua natureza, e contra a natureza das coisas não há nada que se possa fazer.

III

Pouco a pouco, D começou a construir sua própria epistemologia. E a primeira coisa que fez foi separar os fatos da vida humana em dois grupos: os prováveis e os improváveis.

Era provável que naquela semana visitasse dezessete clientes. Era provável que dez deles comprassem algo. E era provável que chovesse, pois era inverno.

Era improvável, e isso D repetia se olhando no espelho, que uma casa construída 80% com produtos Kramp viesse abaixo se houvesse um terremoto ou um tornado.

E era improvável que, por causa de uma greve de ônibus, uma mulher estivesse pedindo carona para chegar à universidade, bem na esquina pela qual passaria o carro de D.

Foi justamente isso que aconteceu em 13 de novembro de 1973.

D achou que era a mulher mais bela do mundo. E a mulher, que fazia um tempo que já não ria, achou que D era falador e divertido.

Um ano mais tarde, em 13 de novembro de 1974, os dois se casaram.

Ao sair do cartório, D pediu à mulher que o esperasse um segundo e foi arranjar um guardanapo onde anotou o que acabara de acontecer (seu casamento), numa subcategoria da classificação das coisas que batizou como “fatos realmente improváveis” (“todos aqueles fenômenos que nos fazem pensar na existência de algum tipo de deus”).

IV

D e a bela mulher construíram uma casa com produtos Kramp e, tempos depois, tiveram uma filha à qual chamaram M. Eu sou M.

Pouco a pouco, meus pais elaboraram um plano de aprendizagem que me permitiu conhecer as coisas que um menino – uma menina, neste caso – necessitava para viver no mundo.

Assim, comecei com uma precoce classificação das coisas.

No primeiro ano de vida soube, por exemplo, que há algo que se chama dia, algo que se chama noite e que tudo que acontece numa vida cabe dentro de uma dessas duas categorias.

No segundo ano, aprendi a olhar pela janela. Meus pais me disseram que ao longo da vida eu ganharia e perderia muitas coisas. Eu não devia me preocupar: o mundo sempre continuaria existindo lá fora.

No terceiro ano, soube da existência das pessoas. Também usaram a janela para me explicar que as pessoas são classificadas em pessoas de verão e pessoas de inverno. Continuo sem entender o que isso quer dizer.

No quarto ano de vida, saí do pátio da minha casa e vi os pirilampos. Decidi que aquela seria uma recordação própria e inclassificável. Os pirilampos que não paravam de brilhar.

V

Aos sete anos (era um dia de primavera, sei disso porque minha mente tinge com insistência essa recordação de luz amarela), escutei pela primeira vez a história da alunissagem e sua moral: com os sapatos bem lustrados e o traje adequado, tudo é possível. E, acho que para me prevenir sobre a natureza da vida, D acrescentou que também era necessário ter um pouco de sorte.

Nessa mesma tarde limpei meus sapatos de verniz com uma escovinha, coloquei um vestido verde combinando com meias verdes e decidi que seria a ajudante de D.

Saí para o pátio, acendi um cigarro e aspirei lentamente. Eu o havia roubado do maço de D, que à noite acabava dormindo com o cigarro aceso na frente da tevê.

VI

Eu tinha herdado de D uma capacidade fora do comum para a insistência. Assim, uma semana mais tarde entramos no carro – que agora ostentava em ambas as portas um logotipo dos produtos Kramp – e partimos para um vilarejo vizinho.

Quando chegamos e estacionamos na praça, D me deu algumas instruções:

1. Que eu sorrisse.
2. Que se eu me aborrecesse poderia ir dar uma volta, sem sair do quarteirão.
3. Que eu agradecesse se os funcionários da loja me dessem um chocolate ou o que fosse.

E me prometeu que, se vendêssemos ou recebêssemos a venda do mês anterior, no final da tarde iríamos à cafeteria.

Visitamos três lojas que vendiam produtos Kramp e também chocolates, brinquedos, botões, revistas, colônias e panos de prato. Já nas primeiras viagens pude observar que os objetos, criados para as mais diversas finalidades, estabeleciam nas lojas das cidadezinhas uma espécie de irmandade. Desde esse tempo tenho o costume de procurar nas vitrines objetos sem relação aparente e pensar que, se os encontrar, terei um dia de sorte (um lápis de madeira se ligava a uma maçaneta de metal, porque a maçaneta, algum dia, seria colocada numa porta. Uma porta de madeira. Lápis-madeira, madeira-porta. Sorte).

Naquela tarde, vendemos trezentos serrotes e recebemos duas vendas do mês anterior.

Também me deram uma revista de palavras cruzadas e uma lata de abacaxi em calda pelas quais agradei.

No fim da tarde, fomos à cafeteria. E assim começamos nossa sociedade.

VII

Dali para a frente, tudo o que aconteceu foi possível porque minha mãe estava ausente. Não porque saísse muito de casa, mas porque uma parte dela havia abandonado seu corpo e resistia a voltar.

Talvez esse fragmento da minha mãe fosse astronauta, e numa dessas viagens ao espaço ela tenha cruzado com D (que desde a alunissagem tinha o costume de olhar para o céu de quando em quando) e decidido que uma parte sua regressaria e ficaria com ele. Ou melhor, conosco.

Mas as aterrissagens não são fáceis e, na dela, minha mãe tinha perdido a metade da visão do olho esquerdo.

Por esse ponto cego começaria a passar o que chamei de minha “dupla vida”.

Uma mãe inteira teria notado.

Isso a tornava irresponsável?

Acho que não; acho que, antes, a vida é que tinha sido um pouco irresponsável com ela.

VIII

Comecei a achar que as viagens, que em geral duravam um dia inteiro, eram uma disciplina prática que funcionava como extensão do colégio.

O acordo ao qual D e minha mãe haviam chegado consistia em que eu podia trabalhar de ajudante só depois das aulas e durante as férias. E que, não importava o dia que fosse, tínhamos de estar de volta às nove da noite.

Mas para D os tratos nunca valeram nada – tampouco para a minha mãe –, portanto na maioria das vezes passávamos em frente à porta do colégio e continuávamos rumo à estrada.

De tanto escutar falar sobre os produtos Kramp, comecei a utilizá-los para entender o funcionamento do mundo, e assim, enquanto meus companheiros faziam poemas às árvores e ao sol de verão, eu homenageava olhos mágicos, alicates e serrotes.

Também inventava mecanismos como “A Máquina de Somar”, que funcionava com base num retângulo de madeira compensada, pregos e porcas (era como um ábaco normal, mas eu o chamava assim: “A Máquina de Somar”).

Recordo-me de que fui acampar, saímos para olhar as estrelas e, utilizando o Cruzeiro do Sul como referência, expliquei aos meus companheiros que o que brilhava lá longe não eram estrelas, e sim tachinhas de três polegadas com as quais O Grande Carpinteiro havia pendurado tudo no céu. Inclusive a gente.

O que quero dizer é que cada pessoa tenta explicar o mecanismo das coisas com o que tem em mãos. Eu, aos sete anos, tinha estendido a minha e topado com o catálogo da Kramp.